



“Parece cada vez mais necessário que os alunos tenham a formação adequada que lhes permita não só beneficiar das oportunidades educativas que lhes oferece a “nova sociedade do conhecimento”, mas também adaptar-se a ela de forma criativa e gratificante.”
Marco Metodológico, Província Marista Compostela

Construir na Mudança: Como?

Lisboa, novembro de 2018



As razões da Mudança

Há quatro anos atrás, determinou a Província Marista Compostela que todos os seus centros educativos deveriam adotar um conjunto de práticas pedagógicas que visassem munir os alunos das competências essenciais para o enfrentar de uma sociedade pautada pela comunicação rápida e pelo acesso fácil ao conhecimento.

Sendo facilmente constatável que a sociedade atual já não se compadece com a perspetivação tradicional de um aluno que passivamente aguarda por uma comunicação do saber e que, necessariamente, colocava o próprio professor ou, quando muito, o próprio saber no centro da prática pedagógica, procurou a Província fomentar uma cultura que recentrasse essa prática no aluno. Haveria, pois, que dotá-lo de ferramentas que o capacitassem à adaptação de uma, cada vez mais inegável, efemeridade do saber e que lhe disponibilizassem ferramentas investigativas e de trabalho em equipa. Afinal, as grandes armas para o enfrentamento de um mundo, que já não exige de forma estática que as pessoas se preparem para ele, mas para aquilo que esse mundo há de ser.

Justamente com esse desiderato, procurámos, todos nós, adotar uma prática que visasse dotar os alunos de competências que lhe permitam conhecer de forma crítica, problematizadora, reflexiva, cooperativa, isto é, procurámos fomentar uma verdadeira cultura de pensamento.

Os Princípios da Mudança

Qualquer cultura se pauta por princípios e valores. Uma escola com ideário claro e absolutamente assumido visa concretizá-los! Ao traçar como objetivo a implementação de uma cultura de pensamento, estaríamos a concretizar esses mesmos valores de forma diferente. Se de forma se trata, então teríamos em mãos tarefa difícil, mas necessária: mudar o caminho, mudar os meios, isto é, alterar o método.

Num esforço formativo, por natureza inacabado, procurou a Província progressivamente dotar todos os educadores de princípios de natureza científica e de prática pedagógica que procurassem verdadeiramente a promoção de uma escola onde se ensinasse a pensar. Assim sendo, assumiram-se como objetivos:

1. A colocação do aluno no centro de todo o processo de ensino/aprendizagem e, numa **dimensão integral**, ir ao encontro da sua singularidade necessariamente diversa;
2. A promoção da **interrogação** como catalisadora dos processos próprios da aprendizagem;
3. O planeamento polarizado pela **resolução de problemas**;
4. **A aplicação contínua da aprendizagem a situações quotidianas**, de modo a que o aluno a vislumbre na sua concreção e, com isso, se prepare para a mudança tão presente no mundo atual;

5. O entendimento da avaliação enquanto situação de aprendizagem e, por isso, presente **em todos as fases do processo**.

A construção da Mudança

Era, no entanto, necessário procurar a concretização desses mesmos valores e princípios, sob pena de ficarmos pelo campo das intenções. Metemos mãos à obra: modificámos a disposição das mesas dos alunos na sala aula, alterámos mobiliário e, sobretudo, fomos alterando práticas. Quais?

1. Começámos a utilizar e a aperfeiçoar instrumentos e ferramentas tendentes ao estímulo da **prática investigativa**;
2. Enquadrámos essa investigação num trabalho em equipa adotando a **sessão cooperativa** como prática constante e promovendo a construção de projetos como base da aprendizagem;
3. Optámos pelo apelo constante à consciencialização e à interiorização da *utilidade* da aprendizagem em todas as fases, estimulando, de forma constante, a **metacognição**;
4. Recentrámos a própria sala de aula e todas as situações de aprendizagem procurando a simulação de situações quotidianas, promovendo a resolução de tarefas e regulando a **aprendizagem baseada em projetos**.

A Construção na Mudança

Recusando vãos experimentalismos, fomos construindo e interiorizando alguns processos que acabaram por ir protagonizando uma mudança suave e que, não obstante as dificuldades que um processo destes sempre acarreta, foi sendo, pouco a pouco, concretizada numa alteração assumida por todos e que encontrou também nos alunos o entusiasmo e a motivação necessários.

Trata-se, pois, de um caminho que leva já alguns anos e que, de forma prudente, foi antecipando algumas mudanças que, aqui e ali, se iam vislumbrando. Nessa medida, as alterações legislativas recentemente introduzidas e que promoveram o projeto de autonomia e flexibilidade curricular, acabaram por enquadrar-se plenamente no nosso processo, permitindo-nos, aliás, concretizar de melhor forma alguns dos pressupostos e objetivos na alteração metodológica que a Província nos propôs.

Foi com naturalidade, portanto, que vimos abrir o espaço necessário para que pudéssemos, ainda melhor, desenvolver a aprendizagem baseada em projetos e, conseqüentemente, a inter e a transdisciplinaridade que já vínhamos promovendo. O facto também de vermos contemplada, de forma mais explícita, a designada flexibilidade curricular consistiu também num fator de uma maior polarização no desenvolvimento do nosso modelo.

Sendo certo que o processo de alteração metodológica se foi estendendo progressivamente a todos os anos e a todos os ciclos, nunca fomos perdendo de vista a necessidade de o processo de mudança ter um maior enfoque nos primeiros anos de escolaridade,

Reflexão sobre a Prática Pedagógica na Escola Marista

permitindo-nos ir desenvolvendo iniciativas por todos os outros anos, o que nos possibilitou ir avaliando todo o processo e ir limando arestas. Neste processo esteve sempre presente que os anos e disciplinas submetidos a exames nacionais deveriam ser objeto de um especial cuidado, ainda que tivéssemos constatado que, progressivamente, os exames iam remetendo para a avaliação de competências e não para a do mero acúmulo de conhecimentos, sendo essa a dinâmica a que vai ser imposta por todo este processo de autonomia e de flexibilidade curricular em curso.

Não obstante, a natureza do nosso modelo e de todo o processo já desenvolvido, concentrámos, de acordo com o determinado superiormente, energias nos quinto e sétimo anos, estando neste momento professores e alunos envolvidos numa dinâmica que, acima de tudo, visa o desenvolvimento de competências, a perspetivação do verdadeiro papel da pessoa num mundo em constante mudança e a visão da complementaridade dos saberes, afinal alguns dos grandes pilares do nosso modelo pedagógico.

A Construção de um Perfil

A construção da escola que vise o desenvolvimento de competências, que permita ao aluno enfrentar os desafios do século XXI, há de ter em vista um perfil. Se juntarmos a isso, as preocupações próprias de uma Escola com o nosso ideário, então haveria que proceder a uma alteração desse perfil que concretizasse esses dois objetivos. Foi o que fizemos! Aproveitando a necessária alteração do Projeto Educativo desenhamos um novo perfil que direciona todos os nossos esforços para o desenvolvimento de competências enquadradas em valores, os

Construir na Mudança: Como?

nosso valores, e que - desígnio supremo da Escola Marista – queremos que os alunos transportem para a vida e que, dessa forma, contribuamos para a construção de uma cidadania ética e moralmente comprometida.

Foi também por isso sem surpresa que fomos confrontados na alteração legislativa em curso com a imposição de um perfil designado como Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. Os nossos anseios e projetos encontravam mais uma vez eco na escola nacional que o poder político começava a vislumbrar!

Não nos despersonalizando e mantendo a matriz cristã e, portanto, verdadeiramente comprometida na construção da Pessoa enquanto valor supremo, integrámos algumas diretrizes em áreas de competências que já estavam contempladas no Perfil do Aluno Marista. Desse trabalho surgiu a reformulação do programa de Formação Humana, área não disciplinar há muito introduzida pelo Externato, e que de forma concertada procura, de acordo com as especificidades de cada turma, promover vivências, atividades e tarefas em valores.

Encontrámos, assim, terreno fértil onde concretizamos o nosso perfil e incluímos as determinações legislativas decorrentes da inclusão da área de Cidadania e Desenvolvimento, passando-se doravante a designar a nossa Formação Humana como Formação Humana e Cidadania e Desenvolvimento.

Mas, se a nossa Escola propicia e promove toda esta mudança, não é menos verdade que só o conseguiremos fazer com o envolvimento de todos e, muito particularmente, das famílias dos nossos alunos. Por muitos projetos que tenhamos e que queiramos concretizar, por muitas competências que queiramos desenvolver, por muitos

Reflexão sobre a Prática Pedagógica na Escola Marista

conhecimentos que queiramos que os nossos alunos sejam detentores, só com a participação clara das famílias conseguiremos concretizar plenamente o perfil que desenhamos. Afinal, é na família que esta caminhada se inicia e onde necessariamente ela acaba.

